

# Crianças e jovens: vulnerabilidade social nas comunidades litorâneas do Nordeste

Adélia Augusta Souto de Oliveira <sup>(1)</sup>

Susane Vasconcellos Zanotti <sup>(2)</sup>

Maria Natália Matias Rodrigues <sup>(3)</sup>

Lívia Rocha Machado Levi <sup>(4)</sup>

## Resumo

Este artigo apresenta um retrato da vida de crianças e jovens moradoras de comunidades litorâneas no Nordeste do Brasil em situação de vulnerabilidade social. Para tanto, discute a produção social dos conceitos de infância, de juventude e de vulnerabilidade social no âmbito das Ciências Humanas. Utiliza-se de desenho de pesquisa qualitativa longitudinal. Os dados dessa investigação demonstram que a sociabilidade ancora-se em atividades sócio-econômicas proveniente da pesca e da indústria do turismo. Os desenhos e fotos produzidos por crianças e jovens evidenciam uma perspectiva de futuro calcada no espaço público da escola e no cuidado com o meio-ambiente; retratam ainda modos de enfrentamento de adversidades amparado na amizade por seus pares e na instituição familiar. Valores como amizade, amor e "ser alguém na vida" sustentam os projetos de vida dessas crianças e jovens.

## Palavras-chave

(1) Criança; jovem; (2) Vulnerabilidade social; (3) Psicologia social; (4) Comunidade litorânea.

## Abstract

This article presents a portrait of the lives of children and youngster living in coastal communities of Brazilian Northeast considered as socially vulnerable. It discusses the social production of key concepts such as childhood, youth and social vulnerability in the field of the Humanities. As methodological background it was used a longitudinal qualitative research. The data produced during the intervention demonstrate that local sociability is anchored in both: fishing and tourism. The drawings and pictures produced by the children and youngsters illustrate perspective for their future based on the public space of school and in environmental concern. They also portray different manners to face adversities assisted by the friendship of pairs and family. Values as friendship, love and becoming "somebody in the life" sustain their life projects.

## Keywords

(1) Children; (2) Youngsters; (3) Social vulnerability; (4) Social Psychology; (4) Coastal communities

<sup>(1)</sup> Doutora em Psicologia social, professora da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>(2)</sup> Doutora em Psicologia, professora da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>(3)</sup> Formanda em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas.

<sup>(4)</sup> Formanda em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas.

## Introdução

A produção sócio-histórica dos conceitos de infância/criança e de adolescência/jovens se encontra sustentada na concepção de vulnerabilidade social. Esses pressupostos subsidiam o caminho metodológico adotado na pesquisa sobre crianças e jovens de comunidades pesqueiras e turísticas ao longo da costa alagoana. Trata-se de pesquisa-intervenção com abordagem qualitativa com crianças e jovens de cinco comunidades litorâneas do Estado de Alagoas por meio de relatos, produção de textos, de fotografias e de ilustrações sobre os modos de vida em sua comunidade.

Essas regiões se mantêm com níveis de desenvolvimento social abaixo do esperado, apesar da existência de serviços públicos de saúde e de educação. Além disso, por estarem localizadas em espaços geográficos que caracterizam a diversidade topográfica, podem ser consideradas áreas representativas das comunidades litorâneas.

Para esse artigo, o recorte nos dados obtidos com a pesquisa, refere-se à temática acerca da descrição das comunidades e do auto-retrato de crianças e jovens, registrados nos diários de campo dos pesquisadores.

A pesquisa se desenvolve em cinco etapas: na primeira etapa do trabalho, se identifica as escolas nas comunidades e se escolhe uma escola pública de cada uma das comunidades alvo deste projeto. As crianças, de oito a 12 anos, e os jovens, de 13 a 17 anos, são convidados a participar dos grupos. A segunda etapa prevê a realização de, em média, quatro encontros, com duração de três horas cada, em cada comunidade, com um grupo de dez crianças e outro de 15 jovens. As temáticas abordadas são: pertencimento ao lugar/cidade/bairro, família, adversidades, amizade, jovens, infância e perspectiva de futuro. Para tanto, se utiliza de técnicas de recorte e colagem de gravuras de revistas, desenhos e/ou construção de texto, projeção de clipes e filmes, e a fotografia. Assim, as crianças e os jovens podem retratar os modos de vida dos mesmos em

sua comunidade. O quinto encontro prevê uma apresentação do material coletado e discussão acerca do mesmo por parte das crianças e dos jovens.

O registro do trabalho com os grupos é efetivado manualmente durante a sua realização por meio de diário de campo. O registro de áudio e de imagem das atividades na ótica dos usuários é utilizado como material secundário na análise. O método adotado na investigação é grupo de reflexão e observação participante. O método abordado na intervenção é preferencialmente atividade psicossocial em grupo.

Por último, as informações são analisadas de modo descritivo e interpretativo, priorizando os valores que norteiam as amizades; os elementos de aproximação e de ruptura com a geração de seus pais; a expressão dos jovens sobre o jovem e da criança sobre a infância; as estratégias de resistência às adversidades; a representação das crianças e dos jovens na comunidade e o pertencimento à mesma e a perspectiva de futuro dos jovens de comunidades litorâneas.

Um breve percurso elencando aspectos que cimentam e fossilizam idéias na produção sócio-histórica da concepção de criança e de jovem é o que pretendemos a seguir.

### **Definição de padrões que exclui sujeitos: produzindo os "sem voz"**

Durante a trajetória da história humana, as crianças e os jovens foram relegados ao lugar de não-sujeitos, alheios a si e esquecidos pelo mundo adulto, esperando com a maioria social serem considerados sujeitos constituídos de sua própria realidade. A partir desse momento, ganhavam reconhecimento e voz num mundo que até então não os incluía como sujeitos de direito. Assim, deixando de serem vistos apenas como objetos, tornam-se sujeitos e objetos simultaneamente (Lajolo, 2003).

A produção social de conceitos de infância e de juventude destaca que uma estratégia de resistência das populações até o século XVIII (Ariès, 1981, p. 58) é a da gestação em um número elevado para poderem se conservar algumas delas. Esse sentimento de indiferença com relação à infância frágil de uma sociedade que abandona as crianças à sua sorte parece permanecer apesar da

O Social em Questão

"idéia de desperdício necessário" ter desaparecido. Nessa medida, Ferreira (2002, p. 421-2) destaca o grande fosso que existe entre as infâncias, em especial, aquelas vividas por classes abastadas e as que enfrentam a dura realidade para a sobrevivência a "duras penas" nos lixões das cidades.

Àqueles que conseguem êxito nessa etapa, entram para a conquista do "vir a ser" adulto e o caminho da educação tem sido defendido como o único capaz de humanizar. Vimos aí, novamente, diferenças e desigualdades vividas pelas crianças e jovens. Conforme Boto (2002) com a criação da infância, o surgimento da tipografia e a conseqüente entrada das crianças no mundo das letras, esse caminho não será trilhado, mais uma vez, com as mesmas oportunidades pelos jovens.

Na mesma direção, são as afirmações desta pesquisa, ou seja, ser criança e igualmente ser aluno são lugares representados pelos participantes moradores de comunidades litorâneas, pois eles escolhem a escola como o lugar de ser criança e ser jovem nas localidades investigadas. Nesse sentido, reflete as idéias que povoam o universo dos intelectuais que pensaram a escola como o lugar/posição na modernidade, isto é, criança/jovem=aluno. Leitão et al (2007) evidencia que os familiares e, em especial, as mães informam ser a educação a única saída para seus filhos. Nessa medida, o valor social dedicado ao trabalho pela geração mais velha é substituído pelo valor da escola formal. Esta é unânime em afirmar não querer a seus filhos, a vida que tiveram. Assim nos revela um pescador: "passar horas e horas no mar, fazer força, ficar doente e vender por migalhas não dá mais futuro pra ninguém. Hoje tem que estudar". Na esteira desse grupo de idéias que sedimentam as relações sociais devemos considerar ainda que educar é controlar, dar limites sem retirar a liberdade como demonstra Boto (2002) serem os tratados de civilidade de Erasmo, desde 1530.

A criança será vista pelo que lhe falta a conquistar ser adulto educado. Esses mesmos tratados ensinam a diferença entre criança educada por princípios burgueses e as outras crianças, às quais esse letramento e civilidade não estariam acessíveis (Elias, 1994). A infância, segundo Lajolo (2003), é um outro em relação àquele que a nomeia e a estuda. A palavra infante remete a

ausência de "voz", ou seja, a infância e demais termos associativos remetem a um campo semântico ligado a ausência da fala. E assim o conceito de infância foi construído remetendo sempre à noção de incompletude.

As bases para a separação entre polidos, educados, sofisticados, adultos e rústicos, grosseiros, bárbaros, infantis estão dadas. O jovem seria aquele que está na fase intermediária entre o bárbaro e o civilizado, a chamada puerilidade juvenil. Enfatiza-se a contraposição entre a criança educada e os moleques (Ariès, 1981). Do mesmo modo, a rua, a praça, a comunidade tornam-se lugares públicos perigosos, de rudeza e de evitação enquanto que a casa, a família, o amor são lugares privados e de sociabilidade restrita, de civilidade, de educação inicial. A sociabilidade comunitária dará lugar à sociabilidade individual. A escola ocupará o lugar de dividir com a família a tarefa de tornar a/o criança/jovem distinto, polido, cortês, civilizado. Características definidas pelo grupo distinto, que vivia na pólis, na corte e na cidade.

Para desempenhar essa tarefa será necessário considerar as diferenças individuais. Conforme proposto por Rousseau (1999), alguns não acompanharão o ensino de modo igual, mesmo que consideremos a educação para todos e de todo o conhecimento disponível. Para estes, os com dificuldade de letramento, a calma e a pedagogia deveria se dedicar.

O cenário apresentado pelos autores que descrevem o início do conceito de infância entre os séculos XVII e XVIII não é muito diferente ao que vive grande número de crianças brasileiras. Por exemplo: a impotência médica, o estado sanitário da população, a miséria, a ignorância supersticiosa, a pressão social, a violência, os abusos sofridos no ambiente social são realidades vividas por crianças/jovens brasileiras. Enquanto categoria, as crianças e os jovens serão compreendidos no século XIX como "crias da casa", conforme destaca Leite (2003, p. 19). A preocupação com elas, no final do século XX será intensa e o Estado e organismos internacionais terão neles o foco de grande parte de suas ações.

Uma das razões para isso se dá pelo fato de serem atraídos pelas ruas, luta pela sobrevivência e o, às vezes, inevitável encontro com a violência. As cidades guardam enorme quantidade de crianças e jovens em situação de

vulnerabilidade social e a rua é vista como um lugar do perigo, da ameaça, longe do controle dos pais e das instituições que se dizem preocupados com eles e com sua formação.

De infant passam a "menores" quando a infância passa a preocupar o Estado e os pais e, em especial, as mães deixam o trabalho doméstico e/ou entrega-os às instituições. Os registros qualitativos são inexpressivos e os conhecemos por sua falta. As mulheres e crianças estão contabilizadas na família. Um dos modos de conhecê-los (Leite, 2003) foi pelo estudo de livros de viagens de estrangeiros no Brasil de 1803 a 1900 cujo olhar social sobre a infância será descrito como sofrido, excluído, marginalizado. Desse modo, são sedimentadas, aos poucos, idéias sobre as crianças brasileiras.

As crianças excluídas serão entendidas também como menores abandonados e sob cuidados do Estado e da igreja nas ações sociais de mulheres da alta classe. Os conhecimentos científicos, da mesma forma irão colaborar e os cursos de assistente social, medicina e direito atenderão essas crianças (Correa, 2003). Na mesma direção afirma Freitas:

A incompletude natural da criança é projetada como metáfora da nação inconclusa, e a "peculiaridade" da nação inconclusa é o recurso argumentativo com o qual a história social da criança torna-se depositaria dos exemplos de um cotidiano no qual tudo é fratura, fragmento e dispersão (2002, p. 253).

Essa fragmentação da infância é refletida no desenraizamento do seu próprio lugar, como se pode perceber em estudos de Oliveira (2005), nos quais se verifica que as crianças estão sendo excluídas do trabalho tradicionalmente desejado e apreciado pela população local. Esse modo de segregação espacial e temporal é vivida de forma cruel e desagregadora, do ponto de vista do sofrimento que despotencializa. É um desafio para elas lidar com o desenraizamento (Sawaia, 1995), com a noção de pertencimento, e das vivências transmitidas de modo intergeracional, especialmente nas relações familiares.

A juventude também padece dessa incompletude e fragmentação, pois a esta não é permitida ter comportamentos de criança. Ao mesmo tempo, ainda não é vista como um adulto, sendo considerado um período de moratória

social, onde ocorrem os processos de consolidação de sua subjetividade. Nesse processo, o contexto das relações sociais que o jovem estabelece na vida cotidiana vai consolidar e demarcar aquilo que é identitário.

O conceito de adolescência/ juventude tem sido discutido (Abramo, 2005), pois não existe uma definição, nem uma demarcação de idade universal. A juventude vem sendo utilizada por pesquisadores (Castro & Correa, 2005) como uma condição social, não se tratando apenas de uma fase de desenvolvimento humano, mas de uma condição sócio-psicológica. Segundo Áries (1973 *apud* Coutinho, 2005) a juventude é uma construção sociocultural e psicológica que foi consolidada no final do século XIX.

Em contraposição, Foracchi (1965 *apud* Augusto, 2005) apresenta a juventude como uma fase que antecede a maturidade, conturbada, de formação de identidade e de descoberta de vida e história. A inserção social desse jovem depende das posições que ocupam e das alternativas oferecidas durante sua trajetória de vida.

Esse período da vida, geralmente, é caracterizado por relações contraditórias, momentos de turbulência, processos decisórios, ou seja, é um período crítico. Vygotsky (2003) defende essa ocorrência por razões em que "se rompe com o equilíbrio do organismo infantil sem que possa encontrar o equilíbrio do organismo adulto" (p. 22).

Além da visão da juventude como um período de transição, como um período de crise e de indecisão, Dayrell (2003) aborda uma visão romântica da juventude, sendo esse um tempo de liberdade e de prazer. Essa imagem da juventude refere-se à exaltação da cultura juvenil e ao mercado de consumo dirigido aos jovens. Apesar das diferentes imagens relacionadas à juventude, os jovens, enquanto sujeitos sociais constroem um determinado modo de ser jovem, baseados em seu cotidiano, segundo Dayrell (2003).

Inserir esses termos transformados em conceitos construídos sócio-historicamente na discussão acerca da vulnerabilidade social, traz algumas consequências. Lopes (et al, 2008, p. 64) descreve que boa parte da população brasileira se encontra em situação de vulnerabilidade social, estado esse produzido pela "precariedade do trabalho" e a "fragilidade social". As mino-

rias, como crianças e jovens, são as maiores vítimas dessa situação. Durante toda a história do Brasil, esses eram abandonados tanto material quanto moralmente, até que com o advento da república começaram a surgir políticas públicas para a proteção da infância e da juventude. Movimento que culmina em 13 de Julho de 1990 com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei 8.069, que substitui o antigo código de menores vigente na república dando novo tratamento a esses sujeitos, regulamentando seus direitos, como afirma Valente (2005). Retomando Lopes et all:

Somente com a Constituição Brasileira de 1988, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº. 8069/90) e com a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança de 1989 (ratificada pelo Brasil em 24/09/1990) foi que se introduziu no Brasil, em seu ordenamento jurídico, um novo paradigma inspirado pela concepção da criança e do adolescente como verdadeiros sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento. Esse novo paradigma apóia-se na doutrina da proteção integral à criança e ao adolescente. Consagra-se, desse modo, uma lógica que assegura a prevalência e a primazia do interesse superior da criança e do adolescente (2008, p. 65).

Apesar de todas essas medidas, a criança e o jovem brasileiro passam por situações em que estão expostas a uma série de fatores que dificultam seu desenvolvimento social e físico. Lescher (*et all*, 1999, 2004), ressalta alguns deles, como a violência, o uso de drogas e experiências relacionadas às privações de ordem afetiva, cultural e socioeconômica.

Inserindo um ingrediente individual, Almeida (2005) afirma que as situações de vulnerabilidade podem ser geradas pela sociedade e podem ser originárias das formas como as pessoas lidam com as perdas, os conflitos, a morte, a separação, as rupturas.

A vulnerabilidade social é o resultado negativo ocasionado pela diferença entre os recursos materiais disponíveis aos indivíduos e acesso as oportunidades sejam elas de ordem social, econômica, cultural provenientes do Estado, do mercado e da sociedade, segundo nos revela Vignoli (2001) e Filgueira (2001) citados em Abramovay (2002). Crianças e jovens que se desenvolvem nesse ambiente estão imersas num contexto de miséria econômica e afetiva, com prejuízos variados Koller & Hutz, 1996 (*apud* Alves, 1998).



Segundo Abramovay (2002), em muitos estudos sociais o termo vulnerabilidade já vem sendo utilizado há algum tempo, porém só recentemente houve maior reflexão sobre os poucos resultados das políticas associadas a esses estudos na América Latina. Muitos desses estudos sobre a pobreza dão poucos resultados porque se baseiam apenas em indicadores de renda que não dão conta da complexa origem do fenômeno. Já os recentes trabalhos que se ancoram na perspectiva da vulnerabilidade social se preocupam em abordar a pobreza e também as diversas modalidades de desvantagem social de uma forma mais ampla, abrangendo toda a população.

Alves (1998) adiciona a situação de pobreza uma "desestruturação familiar" como propensas a um risco, fazendo com que as crianças e jovens procurem o espaço da rua. Hutz & Koller (1997 *apud* Alves 1998) corroboram e apontam o espaço da rua como provedor de subsistência. Alves (1998) chama a atenção para a alimentação obtida na rua, que muitas vezes é mais variada do que a que tinham em casa, e quando as tinham. Além da alimentação, o estar na rua leva a criança a enfrentar outros aspectos de sua nova realidade: a preservação física, a violência, acidentes, o risco de contágio de doenças e a ausência de abrigos.

Bellenzani (*et all*, 2005) propõe ainda o conceito de "vulnerabilidade psíquica". Segundo a autora trata-se de um conjunto de fatores potenciais relacionados tanto ao social quanto às experiências de vida singulares que componham condições propulsoras ao sofrimento ou adoecimento psíquico.

Almeida (2005) em estudo sobre o desenvolvimento humano em Recife observa que as maiores vítimas das desigualdades sociais do nosso país são as crianças e adolescentes, "uma vez que significativa parcela está submetida a situações de vulnerabilidade e a riscos sociais, derivados preponderantemente da insuficiência de renda para a garantia do atendimento das necessidades naturais à faixa-etária" (p. 7).

Aponta-se como fatores de vulnerabilidade social que assolam a infância e a juventude, a pobreza, o trabalho infantil, a exploração sexual infanto-juvenil, que possivelmente resulta numa gravidez precoce, vulnerabilizando mais ainda essa "menina-mulher" e perpetuando esse mesmo ciclo a cada geração.

Segundo Gontijo & Medeiros (2009), quando a família está em uma situação de vulnerabilidade social, conseqüentemente as crianças e jovens também estarão. Na vida cotidiana dessas famílias, a busca pelo sustento da casa e a ausência de atividades significativas no contexto familiar e escolar acabam levando essas crianças e jovens a uma situação de vulnerabilidade.

A situação de vulnerabilidade social se apresenta de diferentes formas de acordo com as experiências de vida e os contextos sócio-culturais que estes jovens estão inseridos, como afirma Bellenzani (2005) em relato sobre experiência de atendimento a meninos e meninas em situação de rua e/ou usuários de substâncias psicoativas. Segundo a autora, a exploração sexual que se apresenta às crianças e aos jovens é um fenômeno complexo e é uma das inúmeras experiências a que estão submetidas na condição de vulnerabilidade e de violação dos direitos desse grupo social. De acordo com Vignolo (2001 *apud* Abramovay, 2002) jovens envolvidos em situações de violência também são resultados da condição de vulnerabilidade social no qual se encontram.

Nesse sentido, as crianças e jovens das comunidades litorâneas pesquisadas, apresentam elementos favoráveis a desenvolver situações, caracterizadas por vulnerabilidade social ao tempo em que evidenciam modos de resistência de suas populações.

### **As comunidades pesqueiras e turísticas**

O cenário que envolve geograficamente essas comunidades é um misto de grandes extensões de plantação de cana-de-açúcar, pequenas faixas de reserva ambiental e imenso litoral (às vezes com acesso restrito aos proprietários das fazendas). Preenchem essa paisagem cortadores de cana, caminhões, carroças puxadas por cavalos e bicicletas que transportam também crianças e jovens. Pequenas casas, algumas de taipa, e pequeno número de mulheres e crianças lavam roupas e brincam em rio. As ruas são emolduradas por colônia de pesca, barcos e balança de venda do pescado, bares e homens bebendo, mulheres as portas com seus filhos brincando, roupas no varal, jovens grávidas, árvores frutíferas, pequenos mercados, farmácias, posto de saúde, escolas com vendedores de doces e pipocas na calçada, igrejas e

templos religiosos. As casas ficam com a fachada para a estrada e de costas para o mar. A pesca e a praia parecem marcar mais claramente o cotidiano dos moradores.

Completa o cenário alguns bares e pousadas destinadas aos turistas ao longo da beira-mar. Crianças e jovens se oferecem para acompanhá-los ou cuidar dos seus carros. Assim, o turismo se apresenta como atividade para crianças e jovens que desempenham a função de guias e afirmam que a "falta de perspectiva e de oportunidades só poderia levar a um péssimo futuro". As jovens declaram "é melhor ser qualquer coisa do que "marisqueira" (coletora de mariscos)" e os jovens "é melhor ser pedreiro do que pescador". São unânimes em considerar a dificuldade em encontrar boas escolas no local e precisam se deslocar para outras cidades para cursarem o segundo grau. Um deles informa ser nativo, estudar e ser guia turístico. Nessa mesma direção as reflexões sobre vulnerabilidade juvenil de Malvasi (2008) onde afirma ser esta relacionada à idéia de fragilidade e de dependência que se vincula à situação de jovens, sobretudo os mais pobres. Esta associação se relaciona

... à crescente violência urbana, às transformações da ordem socioeconômica no mundo contemporâneo e à falta de garantia dos direitos e oportunidades nas áreas de educação, proteção social, entre outras que asseguraram os direitos humanos dos jovens (2008, p. 607).

As comunidades investigadas surpreendem pela beleza do lugar em contraposição com a grande quantidade de lixo na areia e a pobreza estrutural de saneamento básico. A marca político-partidária está evidenciada nos cartazes fixados as paredes das casas expressando publicamente sua escolha eleitoral.

Os adultos afirmam que as crianças e jovens não fazem nada nesta comunidade, ou melhor, destacam "as crianças só estudam e não fazem mais nada e os jovens estão perdidos". Os grupos organizados estão se reunindo nas igrejas. Outro afirma: "os jovens do lugar não querem nada com a vida e não tão nem aí pra nada.

Isto demonstra a representação da criança e do jovem para o adulto do

lugar, o que é uma forma bem específica de compreender a realidade vivida pelos jovens e crianças. Ela nos fala da falta de perspectiva e de como não há muita esperança de mudança, a não ser quando relata a chegada de um grande hotel que vem gerando grande perspectiva, e que há a oferta de cursos para que os jovens e adultos possam se especializar e trabalhem na construção deste hotel. Em estudo recente sobre a situação da juventude na América Latina, Kliksberg (2006) destaca que a América Latina tem desperdiçado o potencial produtivo dos seus jovens por meio da exclusão social. "A juventude da América Latina está sedenta de ideais e ainda não disse ao continente o que tem para dizer" (p. 941). O reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos é fundamental para o desenvolvimento democrático de nossa sociedade, segundo Nakano & Almeida (2007). O cartaz em uma das escolas sintetiza: "Criança suas mãos são pequenas, mas nelas está o nosso futuro".

### **Jovens e crianças em comunidades litorâneas**

Os jovens que participaram da pesquisa relatam episódios de violência, tráfico e situações perigosas, tanto as que fazem parte de sua vida como da de conhecidos semelhante aos descritos por Abramo (2005).

A maioria deles estuda em série inferior àquela prevista para sua idade e trabalha. Alguns usam brincos e pulseiras amarradas ao tornozelo. Os jovens freqüentam as festas e boates da região, dançam com as meninas, trabalham constantemente com turistas e com a mesma freqüência falam em drogas e violência. Assunto aparentemente marcante no cotidiano desses jovens, embora afirmem não gostarem de se envolverem em brigas ou com drogas. Uma realidade que atinge grande parte do cotidiano das comunidades, apesar da distância grande dos centros urbanos e da aparente tranquilidade e isolamento dessas localidades.

Os garotos destacam a freqüência da gravidez não planejada entre as moças e se referem a elas como não sendo sérias e sendo infiéis e influenciáveis (pelas amigas). Por sua vez, as garotas destacam que os rapazes desistem de estudar cedo e se voltam para a pesca e elas estudam mais tempo e se envolvem com atividades ligadas ao artesanato.

As crianças também se encontram em série inferior a prevista para a idade, quando não estão na escola, desde cedo se envolvem com o mar e com a atividade da pesca. Elas brincam de amarelinha, queimado, pega-pega. Afirmam estarem namorando. As meninas destacam que ajudam a mãe em casa. Andam de bicicleta, dormem tarde e alguns meninos dormem na rua. Os meninos jogam bola. Assistem filmes de terror, de ação e, alguns, de sexo. As meninas sabem cozinhar. Gostam de namorar e ir à praia e não gostam de apanhar, trabalhar, de violência, morte e drogas, corroborando as investigações de Oliveira & Francischini (2009).

Elas esperam da escola a oportunidade para saírem de situações de adversidades, com a ajuda da família e da amizade de seus pares. Esses dados estão em consonância com os estudos de Gonçalves (2008) em que os jovens contam com os amigos e familiares para evitarem os desvios.

A temática da preservação do meio-ambiente é recorrente entre eles, pois dependem da pesca e/ou do turismo. Estes por sua vez dependem da natureza saudável: água com nutrientes e sem poluição bem como belezas naturais. Verificamos que essa temática é abordada na escola. A sala de aula possui cartazes que ilustram a relação do homem e meio-ambiente, destacando aspectos da preservação ecológica. No entanto, já demonstramos (Oliveira, 2005; 2007) a inviabilidade da co-existência entre turismo de massa e preservação ambiental.

Os pais pescam e as mães se empenham na venda deles. Elas também fazem e vendem artesanato de crochê. Em comunidades onde o turismo gera benefício econômico, algumas delas se dedicam à atividade vinculada a ele, nas pousadas e restaurantes. Quando os pequenos estão em situação de perigo, segundo eles, buscam auxílio em orações. As crianças informam frequentarem as igrejas e templos das religiões Batista, Católica e Assembléia de Deus. Chorar bastante para desabafar e depois ficarem alegres é receita para enfrentar a tristeza e para o medo "se escondem embaixo do lençol". Afirmam não procurar o auxílio dos pais ou dos mais velhos. São categóricos ao reafirmarem: "só Deus nessas horas".

O futuro para os jovens é visto com pessimismo, principalmente para as meninas. Não vêem "saída se continuarem a morar" nas localidades. A ida

para a capital é considerado um benefício para as moças. Já os rapazes preferem ficar na comunidade. Do mesmo modo as investigações de Leccardi (2005) indicam que os jovens se empenham em construir formas de enfrentamentos ao ambiente social desfavorável. Günther & Günter (1998) afirmam que os jovens da rede privada e que estão avançados nos estudos pretendem concluir segundo grau e freqüentarem a universidade enquanto que os de escola pública não esperam bom emprego e boa vida

Como vimos, as adversidades são enfrentadas com auxílio divino e amizade dos pares. A escola é o lugar escolhido para viverem e recordarem suas melhores experiências. O futuro é vislumbrado com o auxílio da educação que eles sabem não é suficiente para retirá-los da situação de inferioridade na imensa desigualdade social brasileira.

### Considerações finais

A ênfase no contexto social de crianças e jovens em comunidades litorâneas no Nordeste do Brasil aproxima as autoras desse trabalho às situações de vulnerabilidade dos participantes da pesquisa. A escolha metodológica, de descrição das comunidades e de análise dos diários de campo dos pesquisadores, contribui para essa aproximação. Os dados obtidos com essas análises evidenciam os aspectos extraídos das demonstrações de crianças e jovens sobre seus modos de vida.

Nessa trajetória os conceitos de infância, de juventude e de vulnerabilidade social no âmbito das Ciências Humanas contribuem para o avanço das discussões sobre a vida de crianças e jovens em comunidades litorâneas.

Do ponto de vista metodológico é interessante ressaltar que os diários de campo se constituem em instrumento com riqueza considerável para esse tipo de pesquisa. Por meio deles, temos a descrição com detalhes das comunidades, registro de observações e de falas das crianças e dos jovens, das atividades desenvolvidas, dos instrumentos utilizados e ainda permite uma reflexão do pesquisador que pode inserir comentários, análises, inquietações e questionamentos.

Devemos, no entanto, resguardar cuidado para, na medida do possível,

retratar as informações como elas nos aparecem. Uma tentativa de manter-se fiel as informações tem sido frutífero os encontros para a devolutiva em que as crianças e os jovens se (re)conhecem, se estranham, se questionam assim como também os pesquisadores e seus relatos. A multiplicidade metodológica adotada na referida pesquisa é uma busca nesse sentido.

O protagonismo dos sujeitos, intencionalidade expressa nesse trabalho, é um desafio quando abordamos pessoas acostumadas a obedecerem, a concordarem, a esperarem "atividades de completar" provenientes da escola, a limitarem sua criatividade e aprisionarem-se em celas cotidianas.

Os aspectos que sedimentam o cotidiano de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade nas comunidades litorâneas vão desde o secular latifúndio que caracterizam as propriedades privadas no Nordeste, o descaso com a pesca como atividade rentável e a implantação do turismo de massa que beneficia as populações "estrangeiras" em detrimento das populações endógenas. O Estado subsidia grupos estrangeiros para instalação de grandes hotéis. Os jovens esperam serem pedreiros na construção deles. Às moças restam ser recepcionistas, lavadeiras, cozinheiras, garçonetes. Para completar esse cenário difícil o cotidiano das escolas e da educação destinadas a essa população é de nível abaixo do esperado e eles sabem disso. São unânimes ao afirmarem estarem despreparados para exercerem seus direitos de cidadão.

Por outro lado, essa pesquisa evidencia importantes dados quanto à possibilidade de articulação e de agrupamento que as crianças e jovens demonstraram assim que perceberam que a nossa proposta era para ser discutida e que o espaço da fala estava garantido. Como diz um ditado popular: dêem uma bola a um menino e pincéis aos jovens para ver o que acontece. Jogar na rua e pintar muros deve ser evitado. Tirar o menino da rua parece ser o lema. Isso não é de hoje. A história retratada acima ratifica essas afirmações.

O enfrentamento parece estar na determinação sócio-histórica de aspectos fossilizados da construção de desigualdade na sociedade brasileira em que as crianças e os jovens são os principais e primeiros a serem afetados e na potencialidade da resistência desses mesmos sujeitos.

Do mesmo modo, a descrição das comunidades evidencia a beleza do cenário para um visitante, em contraste à realidade das crianças e jovens que vivem ali. Nesta, a praia relaciona-se à pesca; o turismo à atividade de guardador de carro ou de guia e a dificuldade de freqüentar uma escola, as quais remetem à situação de fragilidade e dependência. Ao mesmo tempo, evidencia a falta de perspectiva e de mudança nesses modos de vida.

As expressões de crianças e jovens sobre seus modos de vida, retratadas nos diários de campo dos pesquisadores, evidenciam situações de violência, relacionada ou não ao tráfico; o descompasso entre a idade e a série que estão na escola; a presença do trabalho no mundo infanto-juvenil; a sociabilidade ancorada em atividades sócio-econômicas proveniente da pesca e da indústria do turismo. A perspectiva de futuro, quando há, está calcada no espaço público da escola e no cuidado com o meio-ambiente. Retratam ainda modos de enfrentamento de adversidades amparado na amizade por seus pares e na instituição familiar. Valores como amizade, amor e ser alguém na vida sustentam os projetos de vida dessas crianças e jovens.

Por fim, considera-se que os resultados obtidos com esta pesquisa-intervenção possibilitam uma melhor compreensão dos significados e sentidos que permeiam os modos de vida de crianças e de jovens nas comunidades estudadas. Assim, fornecem subsídios ao planejamento das políticas públicas no trabalho de intervenção com as crianças e com os jovens, respeitando a especificidade das comunidades litorâneas.

Recebido em junho de 2009, aceito para publicação em setembro de 2009



## Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena. "Condição juvenil no Brasil contemporâneo". In: ABRAMO, Helena W. & BRANCO, Pedro P. M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

AUGUSTO, Maria Helena O. "Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude". *Tempo social*, São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005.

ALVES, Paola B. "O brinqueado e as atividades cotidianas de crianças em situação de rua". Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS., 1998.

ALMEIDA, Laura M. P. *Vulnerabilidade social*. Desenvolvimento humano no Recife: atlas municipal. Recife, 2005.

ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOTO, Carlota. "O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes". In: FREITAS, M. C. & KUHLMAN JÚNIOR, M. (Orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11-60.

BELLENZANI, Renata *et all*. *Da vulnerabilidade social à vulnerabilidade psíquica: uma proposta de cuidado em saúde mental para adolescentes em situação de rua e exploração sexual*. Anais do Simpósio Internacional do Adolescente, 2., 2005, São Paulo.

CASTRO, Lúcia. R. & CORREA, Jane (orgs). *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2005.

COUTINHO, Luciana G. "Adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social?", *Pulsional*, nº181, março de 2005. p. 16-23.

CORRÊA, Mariza. "A cidade de menores: uma utopia dos anos 30". In: FREITAS, Marcos C. (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 81-100.

DAYRELL, Juarez "O jovem como sujeito social". *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, dez. 2003.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizatório*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, Antonio G. "A infância no discurso dos intelectuais portugueses do Antigo Regime". In: FREITAS, Marcos C. & KUHLMAN JÚNIOR, Moysés (orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 167-196.

FREITAS, Marcos C. "Da idéia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a contraface de um paradigma". In: FREITAS, Marcos C. & KUHLMAN JÚNIOR, Moysés (Orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 345-372.

GONÇALVES, Hebe S. et all. "Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais", *Psicologia e sociedade*, vol. 20, n. 2, 2008. p. 217-225.

GONTIJO, Daniela T. & MEDEIROS, Marcelo. "Crianças e adolescentes em situação de rua: contribuições para a compreensão dos processos de vulnerabilidade e desfiliação social". *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, abr. 2009.

GÜNTHER, Isolda de A. & GÜNTHER, Hartmut. "Brasílias pobres, Brasília's ricas: perspectivas de futuro entre adolescentes", *Psicologia: reflexão e crítica*; 11(2), jul-dez, 1998. p. 191-207.

KLIKSBERG, Bernardo. "O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações", *Revista Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 5, out. 2006.

LAJOLO, Marisa. "Infância de papel e tinta". In: FREITAS, Marcos C. (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 229-250.

LEITÃO, Heliane de A. L. et all. "Paternidade no contexto do sistema familiar". *Relatório de pesquisa apresentado a FAPEAL*, 2008.

LEITE, Miriam L. M. "A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem". In: FREITAS, Marcos C. (org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 19-52.

LESCHER, Auro D. *et all.* **Cartografia de uma rede.** Reflexões sobre um mapeamento da circulação de crianças e adolescentes em situação de rua da cidade de São Paulo. Ministério da Saúde/COSAM, UNDCP, Projeto Quixote/ Unifesp, São Paulo. 1999.

\_\_\_\_\_. "Crianças em situação de risco social: limites e necessidades da atuação do profissional de saúde". Resultado da Fase I do Projeto de pesquisa apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - Programa de Políticas Públicas, 03/06405-0. São Paulo - Setembro de 2004.

LECCARDI, Carmen. "Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo", *Tempo social*. Vol. 17, n. 2, São Paulo, nov. 2005.

LOPES, Roseli E. *et all.* "Juventude pobre, violência e cidadania", *Saúde sociedade*. São Paulo, v. 17, n. 3, set. 2008.

MALVASI, Paulo A. "ONGs, vulnerabilidade juvenil e reconhecimento cultural: eficácia simbólica e dilemas", *Interface*, Botucatu, v. 12, n. 26, set. 2008.

NAKANO, Marilena & ALMEIDA, Elmir de. "Reflexões acerca da busca de uma nova qualidade da educação: relações entre juventude, educação e trabalho", *Educação social*, Campinas, v. 28, n. 100, 2007.

OLIVEIRA, Adélia. A. S. de. **Memória psicossocial da comunidade da Praia do Francês.** Maceió: Edufal, 2007.

\_\_\_\_\_. "Turismo de massa e segregação psicossocial em uma comunidade litorânea no Nordeste brasileiro: uma análise a partir da experiência de resistência e submissão das crianças". Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2005.

OLIVEIRA, Indira C. C. de & FRANCISCHINI, Rosângela. "Direito de brincar: as (im)possibilidades no contexto de trabalho infantil produtivo". *Psico-USF*, v. 14, n.1, jan/abril. 2009. p. 59-70.

ROUSSEAU, J. **Emílio ou da educação.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAWAIA, Bader. B. "O calor do lugar: segregação urbana e identidade". *Perspectiva*. Fundação Seade, Vol. 9, nº 2, São Paulo, 1995. p. 20-24.

VALENTE, Jacob. *Estatuto da Criança e do Adolescente: apuração do ato infracional à luz da jurisprudência: Lei Federal Nº 8.069, de 13 - 7-1990. Segunda edição.* São Paulo: Atlas, 2005.

VIGOTSKI, Lev. S. *La imaginación y el arte en la infancia.* Madrid: AKAL SA, 2003.